

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE
FORA INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
CINEMA E AUDIOVISUAL**

RODRIGO DE SOUZA OLIVEIRA

**TOCA PRA CIMA - PEDRA DO PARAIBUNA,
RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DE UM
DOCUMENTÁRIO ESPORTIVO**

Juiz de Fora

2025

RODRIGO DE SOUZA OLIVEIRA

**TOCA PRA CIMA - PEDRA DO PARAIBUNA,
RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DE UM
DOCUMENTÁRIO ESPORTIVO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Artes e Design da Universidade Federal
de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção
do grau de bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Professor Dr. Sérgio José Puccini Soares

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Rodrigo de Souza.

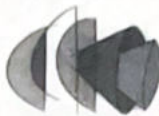
Toca pra cima - Pedra do Paraibuna, relatório de produção de um documentário esportivo. / Rodrigo de Souza Oliveira. -- 2025.

41 f. : il.

Orientador: Sérgio José Puccini Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2025.

1. documentário esportivo. 2. escalada. 3. pedra do paraibuna. I. Soares, Sérgio José Puccini, orient. II. Título.



Bacharelado em
Cinema e Audiovisual



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Aos 22 dias do mês de agosto do ano de 2025, às 14:00 horas, nas dependências do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, ocorreu a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito da disciplina ART314 - TCC, apresentada pelo aluno Rodrigo de Souza Oliveira, matrícula 202197047, tendo como título *Toca Pra Cima, Pedra do Paraibuna*.

Constituíram a Banca Examinadora os Professores (as):

Sérgio J. Puccini Soares, orientador, (Doutor, UFJF)

Professora Danielle de Souza Menezes, examinadora (Doutoranda, UFJF)

Professor Daniel Brandi do Couto, examinador (Doutorando, UFJF)

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, definiu-se que o trabalho foi considerado

☒ APROVADO () REPROVADO. Com nota 100 (CEU).

Eu, Sérgio J. Puccini Soares, Professor(a) – Orientador(a), lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora, comprometendo-me em informar a nota do aluno no SIGA UFJF o mais breve possível.



PROFESSOR SÉRGIO J. PUCCINI SOARES, ORIENTADOR



PROFESSORA DANIELLE DE SOUZA MENEZES, EXAMINADORA



PROFESSOR DANIEL BRANDI DO COUTO, EXAMINADOR

RESUMO

“Toca pra cima - Pedra do Paraibuna” constitui-se como um documentário esportivo de viés contemplativo, que busca apresentar a escalada sob a perspectiva de quem já vive intensamente por longos anos a prática e daqueles que estão entrando nesse mundo. A obra busca, entre outros objetivos, desmistificar concepções equivocadas relacionadas ao esporte, com ênfase na temática da segurança, visando à ampliação de sua compreensão e à promoção de sua prática. Tal iniciativa pretende contribuir para a difusão de uma atividade de expressivo potencial, ainda subaproveitada pela população local.

O presente trabalho tem como propósito relatar, de forma detalhada, o processo de produção do filme, abrangendo as etapas de pré-produção, produção e pós-produção.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário, Documentário brasileiro, Documentário esportivo, Escalada, Esporte radical, Pedra do Paraibuna.

ABSTRACT

"Toca pra cima - Pedra do Paraibuna" is a contemplative-style sports documentary that seeks to portray rock climbing from the perspective of those who have been deeply engaged in the practice for many years, as well as those who are just entering this world. Among its objectives, the film aims to demystify misconceptions related to the sport, with an emphasis on safety, in order to broaden its understanding and encourage its practice. This initiative intends to contribute to the dissemination of an activity with significant potential that remains underutilized by the local population.

The present work aims to provide a detailed account of the film production process, covering the stages of pre-production, production, and post-production.

KEYWORDS: Documentary, Brazilian documentary, Sports documentary, Rock climbing, Extreme sports, Pedra do Paraibuna.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. ARGUMENTO.....	7
3. ROTEIRO LITERÁRIO.....	8
4. PRÉ-PRODUÇÃO.....	8
4.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	8
4.2 VIABILIDADE DA PRODUÇÃO.....	10
4.3 ESCOLHA DA EQUIPE.....	11
4.4 DECUPAGEM.....	12
4.5 CALENDÁRIO DE FILMAGENS.....	20
4.5 ORÇAMENTOS.....	21
4.6 FOTOGRAFIA.....	21
4.7 REFERÊNCIAS VISUAIS.....	22
5. ENTREVISTAS.....	25
6. PRODUÇÃO.....	25
7. PÓS-PRODUÇÃO.....	27
7.1 MONTAGEM.....	27
7.2 COLORIZAÇÃO.....	28
7.3 DESIGN E FINALIZAÇÃO.....	31
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
9. REFERÊNCIAS.....	33
10. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....	33

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1 - Testes Pedra do Paraibuna.....	11
Figura 2 - Testes Pedra do Paraibuna.....	11
Figura 3 - Reel Rock (2017).....	23
Figura 4 - Reel Rock (2017).....	24
Figura 5 - Reel Rock (2017).....	24
Figura 6 - Reel Rock (2017).....	25
Figura 7 - Frame bruto Toca Pra Cima.....	29
Figura 8 - Frame com correção de cor de Toca Pra Cima.....	29
Figura 9 - Frame bruto de Toca Pra Cima.....	30
Figura 10 - Frame com correção de cor de Toca Pra Cima.....	30
Figura 11 - Frame bruto de Toca Pra Cima.....	31
Figura 12 - Frame com correção de cor de Toca Pra Cima.....	31

1. INTRODUÇÃO

Este projeto nasceu de forma espontânea, desde que comecei a praticar escalada, abril 2024, na época pairava a dúvida de se o trabalho de conclusão de curso seria teórico ou teórico-prático, com o início da prática logo veio a resposta. Então começou a jornada de como transformar as ideias que surgiam como águas, que jorram de cachoeiras imensas, em um filme concreto. A visão era provinda de todo o conteúdo consumido em uma plataforma específica de esportes radicais chamada “Canal OFF”, os documentários contemplativos com trilhas imersivas ao fundo me prendiam por horas a fio, apenas admirando os movimentos esportivos.

Realizar essa produção à primeira vista parecia improvável, quase impossível, por demandar um operador de câmera que fosse familiarizado com a escalada, e pudesse escalar para filmar, além da preocupação de manter os equipamentos seguros, longe de riscos não usuais. Então, primeiro o projeto foi deixado de lado e o foco passou a ser abordar a influência de um dos maiores canais de comunicação do mundo esportivo no documentário brasileiro, como a ESPN tinha influenciado a forma de documentar esportes por aqui.

Porém ao final do primeiro semestre de 2024 eu realizei uma segunda escalada no local onde pretendia realizar o projeto, levei minha câmera pessoal, DSLR básica, pela segunda vez e me apaixonei novamente, agora mais experiente na escalada, 5 meses de prática, o movimento tomando forma diante da minha lente acelerou meu coração e me fez perceber que eu precisava passar isso adiante.

Alcanço, então, dentro de mim um vazio em relação às perspectivas de impactar efetivamente a comunidade local, fazendo justamente o que era a ideia inicial, o que me fez ingressar no curso de cinema, levar o movimento, o esporte radical para outras pessoas, mostrar o quão tangível eles são, que não precisa ser um super humano para sentir adrenalina e experimentar emoção tamanha, assim nasce o “Toca pra cima - Pedra do Paraibuna”.

Por ser um documentário, a princípio não foi idealizado um roteiro, mas senti a necessidade de criar um direcionamento para o andamento da produção, organização da equipe e prospecção de possíveis falas dos entrevistados, já que exploramos a história local

para contextualização, além do ato de escalar em si.

2. ARGUMENTO

O documentário esportivo é inerente ao esporte e foi importante para muitas mudanças no meio, principalmente revelando esquemas gigantescos de doping e enaltecendo atletas extraordinários. Por muito tempo não teve o apreço que seus produtores acreditaram que mereciam, porém o canal ESPN tornou o documentário esportivo lucrativo, atrativo e extremamente valioso para o marketing da empresa. Pode-se citar seu maior case de sucesso, o "*30 FOR 30*", que foi criado em comemoração aos 30 anos do canal. O maior meio de veiculação deste tipo de produto cinematográfico se tornou então, a televisão.

A pesquisa a respeito do documentário esportivo no Brasil é um tema relevante pelo fato de existirem poucas bibliografias a respeito desse gênero tanto no mundo, quanto em território nacional. Além disso, este tipo de documentário não é visto como um gênero distinto, mas o encaixam em subgêneros de documentários, a exemplo dos expositivos, o que é objeto de discussão por McDonald (2007). Tem-se na literatura alguns estudos de caso sobre o sucesso da ESPN (McLean, 2017), seu sucesso com a série "*30 FOR 30*" e com o programa "*Sport Century*", mas nada em relação ao mercado brasileiro.

Visto que o documentário esportivo não é categorizado como um gênero, ou até mesmo um subgênero por Bill Nichols, pesquisador e escritor do livro "*Introduction to Documentary*", McDonald (2007) discute justamente a relação dos documentários esportivos, produzidos principalmente pela ESPN, com os gêneros de documentários citados e discutidos por Nichols em seu livro citado anteriormente. McDonald (2007) diz ser importante entender o documentário esportivo como um subgênero para melhor estudá-lo e melhor compreendê-lo abordando melhor as peculiaridades do mesmo, ele então o envolve em 3 modos trabalhados por Nichols: modo poético, expositivo e observacional.

A justificativa para que este seja tratado com mais profundidade se dá de forma clara pelas palavras do autor.

Dentro da tradição documental cinematográfica, os documentários desportivos constituem uma vertente de documentários com presença e distinção suficientes para os distinguir como um subgênero da tradição documental. Ao delimitar os documentários desportivos como subgênero, facilita a análise de temas, tendências e estéticas e, assim, torna possíveis observações sobre as características dos documentários desportivos e a sua contribuição para a tradição

documental (McDonalds, 2007).

A partir disso, este documentário tem como objetivo enaltecer um esporte potencial da região da zona da mata mineira, mostrando sua história e a importância da comunidade local para sua prática, além de proporcionar de forma concreta a produção de um documentário esportivo nos moldes que o diretor consumiu desde a sua infância, em sua maioria sendo documentários nacionais exibidos em um canal fechado, chamado “Canal OFF” .

3. ROTEIRO LITERÁRIO

Nome: Toca pra cima - Pedra do Paraibuna

Formato: Curta-metragem documental

Ideia: Contemplação, entrevistas, esporte como foco

Tema: Escalada

Personagens:

- Helder Souza - Instrutor de escalada, criação escalada na Pedra do Paraibuna
- Ângelo da Silva Batista - Escalador
- Manuela Sampaio Lana - Escaladora
- Mauro de Oliveira - Escalador
- Rafaela Diniz - Escaladora

4. PRÉ-PRODUÇÃO

4.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para esse trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do panorama do documentário esportivo no mundo, para que o diretor pudesse ter respaldo teórico no momento de aplicar suas ideias e as tornarem viáveis, com isso esbarra-se em um problema grande que é encontrado nesse sub-gênero de documentário, como já relatado anteriormente, encontra-se apenas pesquisas a respeito das produções do grande veículo global de documentários esportivos, a ESPN e nada mais. Portanto, vai-se analisar a estilística dos filmes em si, sem se esquecer do viés, e as referências visuais serão descritas

mais à frente.

A principal revista científica utilizada no estudo para este projeto foi a *"Journal of Sport History"*, na qual foi encontrada a maior parte da literatura disponível sobre o tema. Travis Vogan é o maior pesquisador da área. Enfatiza-se a pesquisa a respeito da institucionalização e da industrialização da história do esporte no documentário esportivo, a pesquisa utiliza como recorte um programa esportivo da ESPN, onde jornalistas se reuniram para determinar os 100 melhores atletas norte-americanos da década, neste estudo o autor discorre e discute a forma com que o canal conseguiu se consolidar no mercado do documentário esportivo utilizando seu próprio acervo de arquivos digitais utilizados para a produção documental, chega-se à conclusão de que foi muito controversa a forma com que isto foi feito, mas a ESPN consegue alcançar seus objetivos por conta do acervo que já mantinha em sua posse (VOGAN, 2014).

Por outro lado, McDonald (2007) se preocupou em considerar o aspecto cinematográfico, utilizando-se dos trabalhos de Bill Nichols a respeito do documentário e todos os aspectos a que dizem respeito, disciplinador e o contexto histórico do documentário esportivo. O autor então em seu estudo analisa alguns documentários esportivos a fim de situá-los nestes cenários, cinematograficamente ele divide sua visão em 3 modos citados anteriormente por Nichols: poético, expositivo e observacional. Ele defende que para melhor compreensão deve-se ver o documentário esportivo como gênero ou um subgênero dos documentários. McDonald no fim do estudo concluiu que é impossível separar o conteúdo esportivo do contexto social e da estética esportiva, desta forma, defendendo-o como um gênero de documentário. Além disso, ele discute um fenômeno que denomina de *"Michael Moore moment"*, que é justamente quando este gênero se torna aceitável como uma forma de entretenimento cinematográfico.

Os demais estudos que norteiam este projeto se dão em cima do sucesso da ESPN com sua série de documentários *"30 FOR 30"*, na qual proporcional a produção de 30 documentários esportivos, com 30 diretores diferentes, os quais ficaram livres para abordar seus temas de forma autoral, o que nunca tinha sido visto antes no meio. Desta forma a emissora revolucionou não somente a forma de produzir documentários cinematográficos exuberantes, mas também a forma de fazer marketing dentro de seu próprio nicho, se utilizando de suas produções para alavancar programas menos badalados de sua grade, este cenário é muito estudado por Travis Vogan e Mac Mclean, que tem suas pesquisas e livros utilizados com principais fontes deste trabalho.

4.2 VIABILIDADE DA PRODUÇÃO

O grande desafio de produzir um documentário sobre escalada onde o intuito é filmar a escalada em si, depende de alguns fatores que vão além do técnico cinematográfico, era necessário que primeiramente, a segurança dos equipamentos fosse garantida, sem esse ponto a produção não ocorreria. De forma codependente, se tornou necessário que o operador de câmera fosse um escalador que estivesse familiarizado com a operação de equipamentos nessas condições.

Em abril de 2024 quando surgiu a primeira ideia de produzir este filme, efetivamente filmando a escalada e com ângulos, planos e movimentações que fizessem sentido e transmitisse toda a emoção e sensação próxima a que os praticantes experimentam durante a subida, eu, com meus equipamentos de uso pessoal realizei o primeiro teste com o equipamento na pedra, para verificar as condições de segurança, o que precisava ser adaptado, qual a melhor forma que os equipamentos deveriam ser manuseados. Sendo o único estudante de cinema da UFJF de meu conhecimento que praticava o esporte e poderia operar a câmera, comecei a praticar todas as vezes que ia para pedra, até ter certeza de que os procedimentos de segurança estavam adequados e que eu estava apto a operar estando na pedra.

Figuras 1 - Testes Pedra do Paraibuna



Fonte: Acervo pessoal Rodrigo Oliveira

Figura 2 - Testes Pedra do Paraibuna



Fonte: Acervo pessoal Rodrigo Oliveira

4.3 ESCOLHA DA EQUIPE

Tendo em vista que o tema central do filme é a escalada, esporte de caráter radical praticado em ambiente natural, compreendi que a seleção da equipe não poderia se restringir às competências técnicas de cada integrante. Era imprescindível que os profissionais envolvidos estivessem habituados a percorrer trilhas e dispostos a deslocar-se por considerável distância até as locações, uma vez que as filmagens ocorreriam em Comendador Levy Gasparian, município próximo a Juiz de Fora, onde se encontra a Pedra do Paraibuna.

Definidos esses critérios iniciais, considerei fundamental apresentar o projeto de forma clara a todos os potenciais colaboradores. Antes que aceitassem integrar a equipe, realizei uma reunião para expor os objetivos e a concepção do filme, elencando as dificuldades previstas e exibindo dois trabalhos anteriores realizados como teste.

Destaco dois aspectos relevantes nesse processo: em primeiro lugar, a produção ocorreu em um período em que a maior parte da equipe não residia em Juiz de Fora; em

segundo lugar, por tratar-se de um documentário, optei por interferir minimamente em elementos como iluminação, preparação de set e figurinos. Essa abordagem possibilitou a redução do número de integrantes no set, contribuindo, por consequência, para a diminuição dos custos com deslocamento e alimentação.

Desta forma a equipe foi organizada assim:

Roteiro: Rodrigo Oliveira

Direção: Rodrigo Oliveira

Assist. de Direção: Carla Ganem e Letícia Vieira

Produção: Livia Bello, Mariana Ruy e Rodrigo Oliveira

Produção Executiva: Mariana Ruy e Rodrigo Oliveira

Produção de Set: Letícia Vieira

Assistente de Produção: Livia Bello

Fotografia: Rodrigo Oliveira

Operador de Drone: Ângelo da Silva Batista

Fotografia Still: Guilherme Souza

Iluminação: Samuel Athos

Direção de Som: Gustavo Bhering

Operador de Som: Mariana Marques

Edição de Som: Gustavo Bhering

Correção de Cor: Rodrigo Oliveira

Montagem: Guilherme Souza, Pedro Rangel e Rodrigo Oliveira

Trilha Sonora: Guilherme Souza

Finalização: Maria Clara Gimenez Alves

4.4 DECUPAGEM

A decupagem inicial que foi produzida para seguir como guia de filmagem precisou sofrer alterações, por conta da perda de uma diária com a equipe completa, será relatado mais a frente, e também por sugestão do entrevistado principal da realização da escalada de 2 vias quando foi ser registrada a subida da via mais fácil da Pedra do Paraibuna.

CENA 01 - CHEGADA NA PEDRA

PLANO	DESCRIÇÃO/ AÇÃO	PERSONAGENS	LOCAÇÃO/ AMBIENTE	MOV. DE CÂMERA	
1	Geral	Chegada dos carros na orla do paraibuna, pessoas saem dos carros e se cumprimentam	Helder e demais escaladores	Orla do Paraibuna	Câmera na mão 24mm - estática com leve pan horizontal para pegar movimentação geral
2	Médio	Helder segue para pegar os equipamentos no porta malas do carro	Helder e demais escaladores	Orla do Paraibuna	Câmera na mão 24mm - seguir Helder em plano médio até ele pegar os equipamentos.
3	Médio p/ geral	Helder se junta aos outros escaladores que também pegam seus equipamentos pessoais e depois atravessam a rua em direção a trilha	Helder e demais escaladores	Orla do Paraibuna	Câmera na mão 24mm - a câmera segue a movimentação um pouco e logo para abrindo para um PG
4	Close p/ super close	Escaladores conferindo os materiais e equipamentos	Escaladores	Orla do Paraibuna	Câmera na mão 50mm - seguir bem de perto a conferência dos equipamentos
5	America no p/ médio	Helder no acesso a trilha se vira para o “entrevistador” e fala um pouco sobre o nível da trilha e o acesso a	Helder	Acesso a trilha	Câmera na mão 50mm - estática

		pedra			
6	Médio	Helder passando no acesso a trilha	Helder	Acesso a trilha	Câmera na mão 50mm - estática
7	Geral	Mostrar a pedra do Paraibuna inteira	-	Orla do Paraibuna	Pan horizontal 24mm ou 50mm - mostrando toda extensão da pedra

CENA 02 - TRILHA EM DIREÇÃO ÀS VIAS DE ESCALADA

1	Médio ou americano	Helder segue andando na trilha com a mochila nas costas	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - câmera segue Helder
2	Americano p/ close	Helder pára em frente a placa com informações sobre as vias de escalada	Helder (outros escaladores ao fundo)	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - segue Helder, quando ele para a câmera se aproxima em close na placa
3	Primeiro plano	Helder ao lado da placa, começa a contar a história do local, sobre quem desbravou e conquistou as primeiras vias	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - estática
4	Primeiro plano	Helder passando pelas partes da trilha	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 85mm - acompanhar movimento dele

5	Detalhe	Helder subindo a pedra com a corda	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm ou 85mm - pan vertical
6	Primeiro plano ou americano	Helder parado na trilha, observa o estado de conservação e fala sobre a manutenção do local	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - estática
7	Primeiríssimo plano	Helder segue a trilha	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - ele segue a câmera
8	Médio	Helder parado na base da via C3PO fala sobre a via, sua importância para a escalada local, sua magnitude e tudo mais	Helder	Base C3PO	Câmera na mão 50mm - estático, leve contra-plongée
9	Americano ou médio conjunto	Helder e Ângelo seguem a câmera enquanto falam sobre sua inserção no esporte, como conheceram, aprenderam...	Helder e Ângelo	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - sendo perseguida por Helder e Ângelo, câmera alterna entre eles
10	Americano ou médio conjunto	Manu fala sobre sua inserção no esporte	Manu e Ângelo	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - câmera alterna entre eles
11	Americano ou médio conjunto	Ângelo fala sobre sua inserção no esporte	Manu e Ângelo	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - câmera alterna entre eles

12	Geral conjunto	Eles seguem a trilha	Helder e Ângelo	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm - estática por alguns segundos pegando os 2 sumindo e depois pan horizontal
13	Detalhe	Câmera pega os pés dos escaladores seguindo a trilha	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 85mm
14	Primeiro plano	Helder passando pelas partes da trilha que possuem leve escalaminhada	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 50mm
15	Detalhe	Foco nas posições das mãos durante a parte de escalaminhada	Helder	Trilha acesso a pedra	Câmera na mão 85mm

CENA 03 - VIAS FÁCEIS, CAMPO ESCOLA

1	Geral conjunto	Chegando na via café com leite	Helder e outros escaladores	Base café com leite	Câmera na mão 50mm - estática
2	America no	Helder apresenta a via, fala sobre sua finalidade, nível de dificuldade, entre outras coisas	Helder	Base café com leite	Câmera na mão 24mm - estática
3	Detalhe na pedra	Câmera segue a via na pedra, mostrando por onde ela passa	-	Base café com leite	Câmera na mão 50mm ou 85mm - seguindo a via

4	Detalhe	Helder mostra os procedimentos de segurança mais básicos, incluindo o nó 8	Helder	Base café com leite	Câmara na mão 85mm - seguindo os procedimentos
5	Primeiro Plano ou americano	Helder fala sobre os procedimentos de segurança mais básicos	Helder	Base café com leite	Câmara na mão 50mm - Plongée
6	Médio ou Geral conjunto	Todos os escaladores terminam de colocar seus equipamentos pessoais	Helder e outros escaladores	Base café com leite	Câmara na mão 24mm - leve movimento seguindo os escaladores
7	Médio p/ detalhe	Helder vai em direção a câmera e dá um soquinho	Helder	Base café com leite	Câmara na mão 24mm - estática

CENA 04 - ESCALADA CAFÉ COM LEITE

1	Close	Helder termina o nó 8	Helder	Base da pedra	Câmara na mão 50mm - acompanhar movimento
2	Close p/ médio	Helder começa a escalar a via café com leite	Helder	Via café com leite	Câmara na mão 50mm - pan vertical acompanhando a esclada

3	Detalhe	Ele coloca os primeiros apoios de pés e mãos no início da escalada	Helder	Via café com leite	Câmera na mão 85mm - alternando entre os apoios
4	Médio	Helder continua escalando	Helder	Via café com leite	Câmera na mão 85mm - acompanhando Helder
5	Primeiro plano	Esposa dele faz a segurança do solo e fala sobre seu papel ali no momento e da sua história e relação com a escalada	Esposa Helder	Base via café com leite	Câmera na mão 50mm - estática
6	Detalhe	Mostrar desde a mão da esposa que faz a segurança até Helder escalando lá em cima	Esposa e Helder	Base via café com leite	Câmera na mão 85mm - acompanhar corda
7	Detalhe	Helder chegando na primeira parada da via, foco na mão na última agarra	Helder	Parada café com leite	Câmera na mão 24mm - estática
8	Primeiro plano	Na parada ele fala sobre a sensação de escalar, dos sentimentos que afloram ali naquele momento	Helder	Parada café com leite	Câmera na mão 24mm - estática

9	Médio conjunto	Mais escaladores na parada conversam entre si	Todos escaladores	Parada	Câmera na mão 24mm - estática
---	----------------	---	-------------------	--------	-------------------------------

CENA 05 - PREPARAÇÃO RAPEL E RAPEL

1	Primeiro plano	Helder fala sobre os procedimentos de preparação para o rapel	Helder	Base da pedra	Câmera na mão 24mm - estática
2	Detalhe	Outro escalador segue fazendo os procedimentos que foram citados por Helder anteriormente	Outro escalador	Parada café com leite	Câmera na mão 50mm - seguir os procedimentos
3	-	Escalador que vai descer primeiro no rapel fala sobre a sensação da descida (BREVE)	Outro escalador	-	-
4	Detalhe p/ geral	Escalador começa o rapel e vai descendo como normalmente o faz	Outro escalador	Via café com leite	Câmera na mão 50mm - estático
5	Geral	Outro escalador faz a descida	Outro escalador	Via biscuit	Câmera na mão 50mm - acompanhar movimento
6	Detalhe	Corda cai arrastando pela pedra	Corda	Via café com leite	Câmera na mão 85mm - contra-plongée pan vertical

7	Geral conjunto	Todos escaladores comentam entre si sobre dificuldades, trechos mais difíceis, parecem se divertir	Todos escaladores	Base café com leite	Câmera na mão 24mm - estática
---	----------------	--	-------------------	---------------------	-------------------------------

4.5 CALENDÁRIO DE FILMAGENS

Para a definição do calendário de filmagens, inicialmente foi necessário verificar a disponibilidade da equipe em Juiz de Fora. Considerando que o período coincidiu com as férias universitárias, constatei que parte significativa dos integrantes não se encontrava na cidade. Ademais, as filmagens foram programadas para um mês em que diversos escaladores se deslocam para destinos de maior relevância no cenário da escalada, aproveitando o clima ameno e a baixa incidência de chuvas para realizar vias mais longas e tecnicamente exigentes.

Uma vez definida a composição da equipe que estaria presente no set, foi preciso articular essas datas com a disponibilidade de Helder — entrevistado principal — e, em seguida, compatibilizá-las com a agenda de outros escaladores convidados, de modo a viabilizar a construção narrativa inicialmente planejada para o documentário.

Além da questão das datas, foi necessário estabelecer a logística de transporte até o local das filmagens. Considerando que as diárias se iniciariam por volta das 8h00 e que o deslocamento demandava aproximadamente uma hora, elaboramos um planejamento que contemplasse pontualidade e eficiência. Inicialmente, o cronograma previa quatro diárias de gravação; contudo, foi possível realizar apenas três, o que exigiu adaptações no roteiro, em especial quanto à proposta de registrar integralmente a via de escalada mais clássica da Pedra do Paraibuna.

DIA	DIÁRIA
07/06/2025	MANHÃ: Pedra do Paraibuna. Filmagem das entrevistas com o Helder e cenas caminhando pela trilha.
08/06/2025	MANHÃ: Pedra do Paraibuna. Filmagem dos escaladores andando pela trilha e escalando a via fácil, incluindo Helder.

14/06/2025	TARDE: Morro do Cristo. Filmagem das entrevistas de Ângelo e Manuela.
-------------------	---

4.5 ORÇAMENTOS

O orçamento inicial para a realização do documentário era inexistente. Contudo, ao longo do processo de produção, foi organizada uma rifa, viabilizada com o apoio da assessoria esportiva *Outlier Squad*, que forneceu os brindes para o sorteio. A ação resultou na arrecadação total de R\$500,00, valor que contribuiu significativamente para a redução dos custos de produção.

Os recursos obtidos foram destinados, principalmente, à locação de um veículo para o transporte de parte da equipe, bem como ao custeio do combustível, tanto deste automóvel quanto de outro cedido por um integrante da equipe de produção. A verba também possibilitou cobrir as despesas com alimentação, sendo que os custos foram reduzidos graças à colaboração de minha mãe, que preparou bolos para garantir um café da manhã farto para todos.

Quanto aos equipamentos, contei com o empréstimo de materiais do Estúdio Almeida Fleming, vinculado ao Instituto de Artes e Design (IAD), além da disponibilização de equipamentos pessoais por alguns membros da equipe. O drone utilizado nas filmagens foi gentilmente cedido pelo entrevistado principal.

4.6 FOTOGRAFIA

No que se refere à direção de fotografia, o principal desafio consistiu em harmonizar as imagens captadas em diferentes diárias, de modo a evitar que aparentassem total desconexão entre si. A filmagem em ambiente natural, sem controle total sobre o set, exigiu a adoção de estratégias que minimizassem as variações inevitáveis. Assim, convencionamos horários específicos para as diárias, buscando manter condições de iluminação o mais homogêneas possível. Além disso, optamos pelo uso de rebatedores e de um *LED* portátil em situações de menor luminosidade, garantindo um preenchimento uniforme do rosto dos entrevistados em relação a outras sessões de filmagem. O filtro *ND* foi considerado, pela direção de fotografia, um recurso essencial para manter a exposição próxima entre os diferentes *takes*, facilitando posteriormente o processo de correção de cor.

A escolha dos enquadramentos para as entrevistas também foi pensada para destacar a imponência da Pedra do Paraibuna. Assim, quando o entrevistado se posicionava na base da

formação rochosa, a câmera era colocada em *contra-plongée*; em outros momentos, adotava-se a altura dos olhos, visando transmitir maior neutralidade visual.

No caso das cenas de escalada, o planejamento se mostrou mais complexo. Como já mencionado anteriormente, eu era o único membro da equipe apto a realizar essas captações. Tal circunstância demandou atenção minuciosa na escolha da câmera e das lentes. Optamos pela Canon R6 devido à sua excelente estabilização, embora, ao utilizar modos mais intensos de estabilização, a câmera aplique *crop* na imagem, reduzindo a área útil do sensor *full frame*. Considerando essa característica, a decupagem previu o uso de duas lentes com distâncias focais distintas para cada plano, priorizando modelos com melhor estabilização. Entre as disponíveis, foram selecionadas uma 50mm e uma 85mm.

Com as definições técnicas estabelecidas, restava determinar a execução prática. Nesse aspecto, a experiência obtida na realização prévia de dois curtas-metragens, voltados à experimentação de ângulos e posicionamentos do operador de câmera, no caso, eu mesmo, em relação ao objeto filmado, revelou-se fundamental. Durante uma visita técnica realizada dois meses antes das gravações, em conjunto com Helder, definiu-se que eu subiria a via de escalada situada exatamente ao lado daquela que seria objeto das filmagens, assegurando assim os melhores ângulos e maior segurança durante a captação.

4.7 REFERÊNCIAS VISUAIS

Desde o início do processo criativo, havia em meus pensamentos uma concepção clara acerca da estética audiovisual que pretendia adotar para este filme documental. Como consumidor assíduo de canais especializados em esportes radicais, tais como *Canal OFF*, *Woohoo* e *Red Bull TV*, identifiquei afinidade com uma estética voltada à contemplação do movimento. Essa proposta remete, de certa forma, ao ideal parnasiano, no qual a forma é valorizada como fim em si mesma, aqui aplicada ao contexto esportivo, em que o próprio movimento constitui o objetivo central da narrativa.

Na busca por uma referência concreta que traduzisse essa intenção estética para *Toca pra Cima*, encontrei inspiração em uma série documental exibida no *Canal OFF*, cuja produção e exibição também ocorreram na *Red Bull TV*.

Figura 3 - Reel Rock (2017)



Fonte: Frame extraído do E1 T1 de Reel Rock

Figura 4 - Reel Rock (2017)



Fonte: Frame extraído do E1 T1 de Reel Rock

Figura 5 - Reel Rock (2017)



Fonte: Frame extraído do E2 T1 de Reel Rock

Figura 6 - Reel Rock (2017)



Fonte: Frame extraído do E1 T1 de Reel Rock

Pode-se observar nas referências que há necessidade de uma expertise a mais do operador de câmera para que pudéssemos chegar a um resultado aceitável e próximo ao idealizado por mim ao pensar o documentário.

4.8 SOM

Para a captura de som optamos por duas vertentes, uma captura com o boom em todos os momentos em que estivéssemos filmando em solo e a utilização de microfones de lapela para todas as filmagens da escalada e descida de rapel. Existe uma questão que é a localização da Pedra do Paraibuna, a mesma está situada às margens do rio paraibuna, exatamente no trecho onde existe uma hidrelétrica.

Nossa solução já no planejamento foi incorporar a usina ao filme e também todo som ambiente de automóveis, buzinas que viessem a serem captados no áudio. Para além disso, ao entrar na trilha, não existem interferências significativas de sons externos que pudessem nos atrapalhar, já que ficou decidido por uma equipe pequena e estaríamos sós na trilha.

5. ENTREVISTAS

Desde o início, a proposta era não exercer controle ou interferência sobre as falas e a postura dos entrevistados diante das câmeras. Assim, a partir da concepção do documentário, realizei uma reunião com Helder, na qual foram solicitados os pontos de maior interesse a serem apresentados ao público. Considerando que o filme tem como objetivo alcançar a comunidade local e estimular a prática da modalidade, entendi que seria de extrema importância a participação efetiva dos praticantes na produção, uma vez que eles detêm conhecimento mais aprofundado sobre a Pedra do Paraibuna.

Seguindo essa premissa, a partir da primeira reunião, elaborei um roteiro-base para orientar as filmagens, no qual as falas continham apenas indicações de temas a serem abordados, como, por exemplo, momentos destinados à narrativa sobre a história do local.

6. PRODUÇÃO

A realização das captações de imagens e áudio ocorreu em 3 dias, o cronograma sofreu alterações nas datas por depender da agenda dos entrevistados que eram bem

dinâmicas, então fomos ajustando de acordo com as demandas. O primeiro e o segundo dia de set foram em sequência e ocorreram na Pedra do Paraibuna, já o terceiro dia precisou ser remanejado para acontecer em Juiz de Fora, no morro do cristo, cada dia teve sua peculiaridade.

No primeiro dia (07/06), fizemos o planejamento de forma que os planos fossem acontecendo ao decorrer da trilha, para que quando retornássemos, os equipamentos pudessem estar todos guardados e bem acondicionados. Porém, a diária que começaria às 8h, atrasou em torno de uma hora pela demora do entrevistado, além disso, ao começarmos a trilha, logo percebemos que a trilha não estava em bom estado, como eu tinha constatado alguns meses atrás quando fui fazer os testes de segurança e ângulos de filmagem. Com essas intempéries, a progressão da trilha não foi tão rápida como o esperado, mas os takes foram acontecendo de uma forma que, como não queríamos interferência nas falas, foram repetidos apenas quando havia alguma necessidade técnica.

No segundo dia (08/06), acordamos com uma chuva que não era esperada em Juiz de Fora, eu juntamente com a produção aguardamos alguns minutos, afinal para este dia tínhamos planejado poucas falas e o intuito principal seria filmar a escalada, a chuva em Juiz de Fora não passou e decidimos abortar a diária. Porém, alguns minutos depois o Ângelo, um dos entrevistados, entrou em contato comigo para irmos a Pedra do Paraibuna escalar, pois já estávamos acordados. A partir daquele cenário eu decidi ir com os equipamentos de filmagem, sem o restante da equipe de set, que já tínhamos dispensado, com o intuito de que se não estivesse chovendo pudesse garantir a diária de filmagem. Chegando a Pedra do Paraibuna, o tempo estava nublado, mas sem chuva, a partir daí a filmagem da escalada ocorreu como o planejado, mas sem as entrevistas.

Em Juiz de Fora ocorreu o terceiro e último dia de filmagem (14/06), com a disponibilidade do casal, Ângelo e Manuela de gravarem as entrevistas nesta data, juntamos uma equipe mais reduzida, apenas com a direção e a equipe de som, buscamos um local que fosse esteticamente similar ao local de origem. Neste dia conseguimos realizar todas as captações que faltavam, tanto de imagem, como de som das entrevistas, além de todos os efeitos sonoros que seriam necessários para a pós-produção.

Havia um quarto dia, porém devido a incompatibilidade de horários e dias com os escaladores que seriam necessários para a realização da filmagem, após 4 tentativas decidimos por fim abortar a escalada final do documentário.

7. PÓS-PRODUÇÃO

7.1 MONTAGEM

Após a finalização dos 2 primeiros dias de filmagem, o material foi descarregado em um drive criado para o filme e organizado em pastas correspondentes a cada tipo de material que ali se encontrava, antes de subir o material, foi feita a conferência tanto das filmagens quanto dos áudios e identificação de ambos de acordo com os boletins de som e câmera. Como no momento da captura tivemos que repetir poucos takes, o material bruto não precisou passar por uma seleção muito árdua, apenas por uma sinalização do material que tinha sido capturado de uma melhor forma, seja por conta do movimento de câmera mais limpo ou pela iluminação mais assertiva.

Apesar de ser um documentário, uma narrativa foi criada, porém, não em cima das falas em entrevistas, mas levando em consideração o caminho que é preciso fazer da estrada até a base da Pedra do Paraibuna, onde se localizam as vias de escalada, então optamos por utilizar esse guia como um guia narrativo e construímos encaixamos as entrevistas ao decorrer deste caminho até a escalada.

Então com todo material separado, era preciso saber encaixar as falas de uma forma que fizesse sentido e não ficassem apenas frases soltas enquanto acontecia algo no fundo do filme. Portanto a montagem, acompanhando o roteiro guia criado na pré-produção, seguiu a lógica de um caminho de evolução, onde no início da trilha as falas remetem a história da Pedra do Paraibuna e suas conquistas, depois conseguimos um bom gancho quando o Helder, que também é instrutor de escalada fala sobre iniciação, então entram as falas de Ângelo e Manuela sobre como começaram. Um adendo importante é que esses tópicos foram sugeridos pelos nossos entrevistados e as falas foram sem ensaio algum e sem nenhum roteiro, elas vieram dos sentimentos de cada pessoa ali presente.

Quando finalmente chega-se na base da pedra onde ocorrerá a escalada, faz-se a introdução de alguns pontos importantes de segurança, visto que esse era um ponto primordial do Helder para que desmistificasse-mos esse aspecto negativo tão relacionado aos esportes de aventura, quando começa a escalada o tom muda, se torna mais sentimental, o que de certa forma combina com a sensação experimentada pelo escalador e descrita com tamanha emoção pelos nossos entrevistados.

Podemos sintetizar de uma forma que a montagem foi realizada de acordo com o feeling e a emoção encontrada em cada fala dos que aceitaram compartilhar suas vidas com

a gente.

Tivemos 3 versões de montagem, onde um membro ficou responsável por realizar a parte da escalada, outro ficou com a incumbência de fazer todo o caminho do início da trilha até a base da pedra, o terceiro membro e diretor ficou responsável por realizar os ajustes necessários e garantir com que a fluidez pudesse ser atingida ao decorrer do filme, transmitindo o sentimento dos participantes.

7.2 COLORIZAÇÃO

A construção das cores foi um desafio, pois o primeiro ponto mais crítico foi de forma proposital não utilizar referência de cor para a produção, a minha concepção de documentário esportivo, tendo a oportunidade de colocar as ideias em prática é de que a cor tem que fazer o espectador apreciar o movimento, o esporte em si, a cor não deve ser o fator primordial, não deve impactar de forma a deixar em segundo plano o assunto principal.

Desta forma, a colorização foi pensada de forma a enaltecer o que está sendo transmitido e levar uma imersão do espectador ao movimento esportivo ali presente, a cor foi escolhida ser natural, com um contraste um pouco mais acentuado, com a finalidade de transmitir mais verdade, mais vontade e mais drama nos aspectos a que pedem esse tipo de sentimento.

Figura 7 - Frame bruto Toca Pra Cima



Fonte: Frame extraído de Toca Pra Cima

Figura 8 - Frame com correção de cor de Toca Pra Cima



Fonte: Frame extraído de Toca Pra Cima

Figura 9 - Frame bruto de Toca Pra Cima



Fonte: Frame extraído de Toca Pra Cima

Figura 10 - Frame com correção de cor de Toca Pra Cima



Fonte: Frame extraído de Toca Pra Cima

Figura 11 - Frame bruto de Toca Pra Cima



Fonte: Frame extraído de Toca Pra Cima

Figura 12 - Frame com correção de cor de Toca Pra Cima



Fonte: Frame extraído de Toca Pra Cima

7.3 DESIGN E FINALIZAÇÃO

A equipe de design e finalização recebeu um material para realização do cartaz do filme, com imagens feitas no período em que realizamos testes de segurança e viabilidade da produção, com isso chegamos a ideia de que o filme precisa de um lettering que remetesse a robustez da pedra, mas sem perder a sutileza necessária para se movimentar nela. Utilizamos algumas fontes para o cartaz e para os inserts de nomes e título do filme, foram elas: “ANTON” e “MONT”.

Além da escolha das letras, para o título do filme nos propusemos a criar uma textura na fonte que trouxesse o aspecto de aspereza que a Pedra nos transmite, assim surgiu a nossa identidade, buscando algo que transmitisse o sentimento que o espectador irá alcançar assistindo a produção.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar de todo o processo de idealização, organizar a pré-produção inteira, colocar os esforços em todas as etapas, precisando estar atentos a todos os detalhes, tudo isso coordenando uma equipe junto a equipe de produção foi uma tarefa árdua e que me faz um profissional diferente do início dessa jornada mais de um ano atrás.

Poder vivenciar o crescimento de cada colega de curso que foi escolhido para cada

função de acordo com a sua capacidade observar eles dando o melhor de si para que esta produção pudesse tomar forma traz um enriquecimento tão grande, nos faz dar valor a cada função que no início do curso não olhamos com tanto apreço. Mais que tudo, poder contribuir através desse filme com o possível avanço de um esporte que está acontecendo ao nosso entorno e não é enxergado, faz isso tudo valer ainda mais a pena.

9. REFERÊNCIAS

- BUEHLER, Branden. The documentary as “quality” sports television. *Sporting realities: Critical readings of the sports documentary*, p. 11-33, 2020.
- HOLANDA, Karla. Documentário brasileiro contemporâneo e a micro-história. *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*, v. 3, n. 1, 2006.
- INGLE, Zachary; SUTERA, David M. (Ed.). *Identity and Myth in Sports Documentaries: Critical Essays*. Scarecrow Press, 2012.
- MALITSKY, Joshua. Knowing sports: The logic of the contemporary sports documentary. *Journal of Sport History*, v. 41, n. 2, p. 205-214, 2014.
- MCDONALD, Ian. Situating the sport documentary. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 31, n. 3, p. 208-225, 2007.
- MCQUARRIE, Fiona AE. *Gender and genre in sports documentaries: Critical essays*. 2013.
- NICHOLS, Bill. *Introduction to documentary*. Indiana University Press, 2017.
- VOGAN, Travis. *ESPN: The making of a sports media empire*. University of Illinois Press, 2015.
- VOGAN, Travis. Institutionalizing and industrializing sport history in the contemporary sports television documentary. *Journal of Sport History*, v. 41, n. 2, p. 195-204, 2014.
- VOGAN, Travis. ESPN Films and the construction of prestige in contemporary sports television. *International Journal of Sport Communication*, v. 5, n. 2, p. 137-152, 2012.

10. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

- REEL ROCK**. Temporada 1. Red Bull TV, [S. l.], 2010. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/episodes/sketchy-andy-reel-rock-s01-e03>. Acesso em: 18 maio 2025.
- REEL ROCK**. *Reel Rock: Temporada 8*. Red Bull TV, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/shows/reel-rock-1>. Acesso em: 18 maio 2025.
- CANAL OFF**. Canal de televisão por assinatura. Rio de Janeiro: Globo, 2011–. Programação voltada para esportes radicais e estilo de vida ao ar livre. Exemplos de programas: *Julietti: O Chamado do Monte Roraima*, *De Frente pro Mar*, *Enciclopédia OFF*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/canais/canal-off/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

ANEXO**ROTEIRO****TOCA PRA CIMA – PEDRA DO PARAIBUNA**

JUIZ DE FORA

2025

**OBS.: OS INSERTES SERÃO ACOMPANHADOS
DE VOICEOVER DA FALA ANTERIOR EM
SUA MAIORIA.**

1 EXT. DIA - CHEGADA NA PEDRA 1

**Inserte:pan horizontal / vertical
mostrando a imensidão da pedra do
paraibuna, onde encontram-se as
vias de escalada.**

Mauro falando sobre como conhece a
pedra do paraibuna, fala também
qual via vai escalar no local, a
fala termina em voiceover já com
os escaladores reunidos perto do
carro.

Plano aberto geral 24mm pegando os
carros na orla do paraibuna com o
rio ao fundo. Todos se
cumprimentam e então a câmera
começa a segui-los.

Ainda com a 24mm, num plano conjunto
todos conversam e então começam a
se deslocar em direção ao acesso
a trilha para a pedra.

Começando com voiceover, Helder parado
em frente ao acesso fala sobre a
dificuldade do acesso, tempo de
trilha e informações pertinentes.

(depois do começo da fala, Helder é mostrado no acesso).

Enquanto Helder termina sua fala é mostrado os escaladores andando pelo acesso a trilha e o começo dela.

2 EXT. DIA - TRILHA EM DIREÇÃO ÀS VIAS DE ESCALADA 2

Os escaladores seguem na trilha e então Helder pára em frente a uma placa que contém informações sobre as vias de escalada da pedra, ele fala sobre a história da pedra do paraibuna, pessoas que desbravaram o local, conquistaram as primeiras vias e começa a introduzir sobre seu início na escalada, então começa a andar.

Inserte: possíveis matérias de jornal ou algo publicado que fale sobre a história do local.

A câmera é perseguida por Helder, enquanto fala em voiceover sobre a manutenção/limpeza da trilha e das vias de escalada, corta para ele parado falando.

Os escaladores continuam seguindo a trilha.

3 EXT. DIA - VIAS FÁCEIS, CAMPO ESCOLA 3

Ângelo e Manuela falam sobre sua inserção na escalada, porque continuaram e etc. A imagem alterna entre um e outro falando enquanto fotos do curso são mostradas.

Inserte: fotos do curso ministrado pelo Helder, onde Ângelo e Manu deram seus primeiros passos no esporte.

Helder nos apresenta as vias do campo escola, a mais fácil e mais utilizada pelos iniciantes é a biscuit, e fala como é feita a introdução das pessoas no esporte.

Ele então aborda os procedimentos básicos de segurança, desde como colocar a cadeirinha, até a como se colocar o mosquetão. Alternar entre a fala e os equipamentos mostrados no chão.

Ao falar da sapatilha cortar para o plano detalhe onde ele fala melhor sobre ela.

Ainda com Helder falando sobre os equipamentos ao fundo. Todos colocam os equipamentos e se preparam para escalar, Helder é o primeiro a ir, ele que vai guiar a escalada na via.

Inserte: Mostrar todos se preparando, colocando os equipamentos e conversando antes de iniciar a escalada. Alternar planos abertos com planos detalhes.

Helder vai em direção a câmera e dá um soquinho, cumprimento utilizado para se iniciar a escalada.

4 EXT. DIA - ESCALADA CAFÉ COM LEITE 4

Em contra-plongée a câmera mostra Helder dando um soquinho no Diogo e o acompanha escalando, começando mais próximo e abrindo o plano enquanto vai subindo.

Inserte: close em alguns passos do Helder escalando.

Em primeiro plano a câmera mostra Diogo fazendo sua segurança.

Inserte: super close na corda balançando na pedra, a câmera a segue desde a mão do Diogo até Helder lá em cima.

A câmera acompanha Helder escalando até a primeira parada, onde ele vai preparar a segurança para o Diogo subir.

Nesse momento a câmera vai começar a alternar entre a preparação do Helder e o Ângelo, e depois vai alternar entre a subida do Diogo e da Manuela.

Inserte: quando a Manuela é mostrada a primeira vez escalando, corta para cena dela falando sobre a sensação de escalar.

Alternar entre a Manuela ficando em primeiro plano e chegando a plano

detalhe enquanto o Diogo está chegando perto do Helder, quando ele chega próximo ao Helder, a câmera volta e mostra em plano detalhe a Manu chegando próximo ao Ângelo.

Digo chego ao lado de Helder e dá um soquinho para comemorar o sucesso, do outro lado Manu dá um beijo em Ângelo.

Agora a câmera acompanha somente a escalada de Diogo e Helder até o final da via.

Quando Helder começa a escalar, vão alternando planos da câmera e do drone, mantendo a continuidade entre um e outro.

Em plano detalhe na sapatilha surge a voz de Ângelo falando sobre a sensação que a escalada dá, alterna-se entre ele escalando e sentado falando ao lado de Manu.

Manu faz a segurança do marido enquanto ele termina a subida. Mostra-se a fala de Manu sobre a importância do papel dela ali e sobre a conexão entre eles.

Inserte: mostrar ele chegando na última parada da via, plano detalhe nas mãos e os dois dando beijo.

5 EXT. DIA - PREPARAÇÃO PARA RAPEL E RAPEL

5

Ângelo fala sobre os procedimentos de preparação para o rapel, câmera alterna entre ele falando e o Helder começando a descida, jogando a corda e iniciando o rapel.

Câmera acompanha Helder fazendo o primeiro rapel.

Manu e Diogo vão descer o primeiro rapel, drone acompanha rapel do Diogo e depois ele e a Manu descendo lado a lado.

Inserte: Manu falando da sensação de descer o rapel.

Acompanhamos um pouco da descida de Helder, Diogo e Manu até o solo

Inserte: super close na corda caindo pela pedra ao final do rapel.

Todos no solo filmados preparam seus equipamentos, tiram sapatilhas, cadeirinhas para partir

6 EXT. DIA - A CLÁSSICA C3PO 6

Helder e os outros escaladores chegam a base da via mais clássica da pedra do paraibuna, a C3PO, primeira via a chegar ao cume da pedra.

Em 24mm e em plongée a câmera captura os escaladores sentados e agachados

preparando o material para subir a via e enquanto isso eles vão conversando sobre os trechos da via.

Helder fala sobre a façanha e a magnitude da via em poucas palavras. A partir de agora é somente contemplação, a câmera pega cada detalhe dos escaladores conquistando a via, suas dificuldades, suas destrezas, boa parte em contra-plongée, poucos takes em plongée diagonal e primeiro plano.

Fim.